

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso ...C-PEM/92.....

Partido7.....

Solução do P-III-8 (EN) ENSAIO

Apresentada por

.....ÁLVARO AUGUSTO DIAS MONTEIRO.....

.....CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA(EN).....

NOME E POSTO



15

RIO DE JANEIRO

19..92....

Monteiro, Álvaro Augusto Dias.
Nazismo. Como e porquê? - Rio de Janeiro: EGN, 1992.
12 p.
Bibliografia.
Ensaio: C-PEM, 1992.
1. Ciência Política. 2. Nazismo. 3. Hitler. I. Brasil.
Escola de Guerra Naval. II. Título.

EXTRATO

O autor pretende identificar as circunstâncias que favoreceram o crescimento do movimento nazista e propiciaram sua chegada ao poder.

Para tanto, inicia o trabalho analisando os fatores que condicionaram a evolução do pensamento de Hitler e como ele consolidou suas idéias políticas no programa do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Posteriormente, avalia, sumariamente, a conjuntura alemã, a partir de 1918, com o intuito de identificar o cenário que favoreceu o desenvolvimento do movimento nazista.

Finalmente, descreve a concepção nazista de Estado que Hitler tentou implantar na Alemanha, a partir de sua chegada ao poder.

Conclui ressaltando os princípios básicos dessa concepção e alertando para a importância de se evitar que novamente ocorram as circunstâncias que favoreceram o crescimento do regime nazista.



GN-00010123-6

acervo: 13.538
ex: 98782

Prezado Leitor

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado, pois se houver qualquer dano ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.



. Tema : Concepção nazista de Estado e cidadania.

. Título : NAZISMO. COMO E POR QUÊ?

. Tópicos a abordar:

- O partido nazista.
- O papel do Estado.
- O cidadão.

. Proposição:

Analisar a evolução do pensamento de Hitler e avaliar a conjuntura onde suas idéias floresceram a fim de descrever a concepção nazista de Estado e identificar as circunstâncias que favoreceram sua implantação.

NAZISMO. COMO E POR QUÊ?

"Neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores."

Adolf Hitler

Berlim, 30 de janeiro de 1933. Há muito anoitecera. No entanto, uma torrente de nazistas desfilava em homenagem a Hitler, recém-nomeado Chanceler da República de Weimar, que ele tanto desprezava e jurara combater e destruir.

O desfile durou quase seis horas. A destruição da democracia alemã, um pouco mais - cerca de cinco meses.

Nos próximos doze anos, a Alemanha viveria sob o regime nazista, que lhe traria terríveis conseqüências e estareceria o mundo pelas atrocidades e aberrações que foi capaz de perpetrar.

Hoje, quando grupos tentam ressuscitar os princípios nazistas, muitos interrogam-se, inquietos, se será possível o renascer daquele regime.

Ora, se as circunstâncias que propiciaram o desenvolvimento do nazismo fizerem-se, novamente, presentes, então o determinismo histórico poderá indicar a possibilidade de ocorrer, outra vez, algo semelhante.

Portanto, é fundamental que todos conheçam as circunstâncias que forjaram o regime nazista, para evitá-las. Esse é o propósito maior deste ensaio. Para atingi-lo, analisaremos, inicialmente, como Hitler concebeu suas idéias; depois, avaliaremos a conjuntura onde puderam germinar para, finalmente, descrevermos a concepção nazista de Estado.

Hitler

Hitler viveu a maior parte de sua infância na cidade de Linz. Seu desempenho escolar não foi satisfatório, o que, como afirma em seu livro autobiográfico "Minha Luta", foi proposital. Ao apresentar baixo rendimento escolar, Hitler pretendia demover seu pai da intenção de torná-lo, também, um funcionário público, idéia que abominava. Seu sonho era ser um artista, um pintor.

A pressão familiar para fazer dele um funcionário público não cessou com a morte do pai, quando tinha treze anos, pois sua mãe pretendia realizar o desejo paterno. Contudo, aproveitando-se de uma recomendação médica para interromper os estudos por um ano, a fim de curar-se de uma doença pulmonar, Hitler abandonou definitivamente a escola, não mais realizando, ao longo de sua vida, quaisquer estudos formais.

Quando Hitler tinha quinze anos, sua mãe morreu. Como a pensão de órfão não lhe oferecia condições de sobrevivência, decidiu tentar a vida em Viena.

A vida em Viena não foi fácil para Hitler. Sem conhecimentos profissionais, teve que se empregar como ajudante de pedreiro para sobreviver. Como seu único prazer era a leitura, Hitler dedicou todo o seu tempo livre a ler o que lhe caía nas mãos. Isso possibilitou-lhe forjar os alicerces dos conhecimentos que possuía. "Naqueles tempos adquiri uma noção do mundo que serviu de fundamento granítico para meu modo de agir de então. A essa noção precisei acrescentar

pouca coisa, mudar nada". (8:27)

Esse retrato que Hitler apresenta de sua formação intelectual não me parece verossímil. Teria sido, realmente, possível a Hitler, como muitos admiradores apregoam, aprofundar-se nas concepções filosóficas de Marx, Fichte, Hegel e Nietzsche, sem sequer ter a fundamentação intelectual de um curso secundário? Poderia ele ter consolidado uma noção de mundo capaz de possibilitar-lhe dirigir os destinos de uma nação, lendo nas horas de folga de um serviço árduo como o de pedreiro, nas condições de vida que levava em Viena, muitas vezes alimentando-se, apenas, da sopa oferecida pelo serviço de assistência social da prefeitura vienense? Julgo que não. Creio que, na verdade, a fundamentação granítica a que Hitler se refere era fruto da leitura de jornais e revistas e não do estudo metódico e sistemático dos autores políticos. Pelo menos, no que concerne ao marxismo, uma passagem de "Minha Luta" corrobora meu juízo: "Melhor do que em toda a literatura teórica, pude, pela leitura diária da imprensa social-democrática, estudar a essência do movimento e o curso das suas idéias." (8:38)

De qualquer modo, um fato parece incontroverso: qualquer que tenha sido o embasamento cultural de Hitler, foi em Viena que ele o adquiriu. Hitler viria a comentar que, do ponto de vista espiritual, aquela época fora a mais fértil de sua existência. Aquilo que planejava e realizava era tão-somente a execução de idéias elaboradas havia anos. E que idéias eram essas? Como as concebera?

O primeiro movimento político a atrair Hitler foi a

social-democracia (partido marxista), cuja preocupação com as condições de vida do operariado angariava suas simpatias. Entretanto, a doutrina desse partido, que considerava a pátria um instrumento da burguesia para exploração das massas trabalhadoras, levou-o a debater o nacionalismo com seus colegas de trabalho comunistas. Estes, ao perceberem que Hitler tinha idéias contrárias aos princípios do movimento comunista internacional, ameaçaram jogá-lo do andaime onde trabalhava. (8:37)

Assim, Hitler desencantou-se com a social-democracia. Logo concluiu que se encontrava diante de uma doutrina radical, cujo objetivo era o domínio do mundo. Passou, então, a nutrir ódio cego por essa "peste ambulante, sob a máscara de virtude social e amor ao próximo e da qual se deve depressa libertar a terra, pois, ao contrário, muito facilmente a humanidade será por ela imolada". (8:36)

Mas, a quem interessaria imolar a humanidade? Quem estaria por trás dessa ideologia?

Os judeus, com certeza. O Estado judaico nunca tivera fronteiras, espalhava-se por todos os países, unia-se pela raça. "A religião mosaica nada mais é que uma doutrina para conservação da raça judaica". (8:103) Aquele povo constituiu, sempre, um Estado dentro dos Estados. Portanto, o marxismo, doutrina concebida por um judeu, nada mais era do que um movimento forjado pelos judeus para estabelecer seu domínio sobre todos os povos.

Hitler descobrira, assim, seus dois inimigos mortais: o marxismo e o judaísmo, as duas faces do demônio!

Contra esses movimentos seria necessário contrapor um outro, não menos radical, não menos absoluto, não menos violento, capaz de provocar um profundo sentimento de nacionalidade, combinado com a brutal determinação de destruir as ideologias antagônicas.

Para conceber esse movimento, Hitler inspirou-se em dois partidos austríacos - o Cristão Social e o Nacional Alemão ou Pangermanista. No socialismo-cristão, Hitler louvava a preocupação com as classes operárias; em contrapartida, censurava o desprezo desse Partido à idéia nacionalista. Já o pangermanismo, se tinha o mérito do nacionalismo, não apresentava um cunho social capaz de atrair as massas, arrancando-as do marxismo. Da simbiose dessas concepções, brotou o nacional-socialismo, que, no entanto, atribuiu conotação racista ao anti-semitismo, essencialmente religioso, do pangermanismo, pois Hitler acreditava no determinismo biológico. Para ele as raças, e não as classes, configuravam o verdadeiro princípio revolucionário do século vinte.

Em 1912, Hitler mudou-se para Munique, onde, no deflagrar da Grande Guerra, apresentou-se como voluntário de primeira hora. A notícia da rendição alemã causou-lhe profunda angústia e instigou, ainda mais, seu ódio contra os judeus, que, segundo ele, foram os grandes traidores da Alemanha. Decide, então, tornar-se político para reparar a injustiça sofrida pelo povo alemão.

Em setembro de 1919, Hitler ingressa no Partido Trabalhista Alemão, que, com sua filiação, passa a contar com sete membros. A capacidade de aglutinação de Hitler, a fé

inabalável em suas convicções e sua exímia oratória transformaram, em pouco tempo, aquele inexpressivo partido num movimento de massas, sob a nova denominação de Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (PNSTA).

No dia 25 de fevereiro de 1920, por ocasião da primeira grande reunião popular do PNSTA, Hitler divulga à multidão o programa partidário que iria, dogmaticamente, nortear seu destino político e o do regime que cresceu e desapareceu com ele.

Em síntese, esse programa, consistia: na regeneração racial alemã, diferenciando-se os homens de sangue alemão dos demais, entre os quais os judeus, sujeitos à expulsão eventual; na reforma profunda do sistema de ensino, conferindo-lhe um sentido mais prático; no incentivo às denúncias de corrupção parlamentar e de mentiras políticas da imprensa, a ser substituída por outra, verdadeiramente alemã; na substituição do direito universal e materialista por um direito comum alemão; na centralização do Reich; na afirmação de um cristianismo positivo, independente de toda confissão particular; na criação e proteção de uma classe média sadia e forte; na reforma agrária; na proibição da especulação imobiliária e na supressão dos lucros obtidos sem salários, distinguindo-se o capital internacional, judaico, especulativo e, por conseguinte, danoso, do capital alemão, industrial, criador e, portanto, benfazejo.

Esse programa constituía a base ideológica do movimento nazista, que germinou porque encontrou terreno fértil na conjuntura vivida pela Alemanha, a partir de 1918.

A Conjuntura

O Tratado de Versailles causou profundas frustrações no povo alemão. Afinal, a Alemanha havia derrotado a Rússia e, no entanto, fora obrigada a devolver os territórios conquistados, onde viviam diversas comunidades germânicas, aos eslavos. Além disso, quando o Armistício foi assinado, não havia um único soldado estrangeiro em solo alemão. Então, por que cláusulas tão severas?

Assim, as lideranças civis que, com o desmoronamento político e militar da Alemanha imperial, criaram a República de Weimar, ficaram estigmatizadas por terem assinado a paz vergonhosa, o que concorreu para o fracasso desse regime. Por outro lado, a situação econômica agravava a intranquilidade política.

A inflação atingira níveis alarmantes e, quando pôde ser controlada, já tinha corroído o poder aquisitivo de significativa maioria da população, que empobrecera.

Os ganhadores com o estouro inflacionário foram os proprietários, os latifundiários e os grandes industriais, que viram seus débitos bancários reduzirem-se a pó. Os perdedores foram a classe média e, principalmente, o operariado. Desse modo, as elites continuaram a exercer seu domínio sobre as classes proletárias, que não viam meios de melhorar sua situação. Nesse cenário, os marxistas tentavam, por todos os meios, conquistar o poder. A eles contrapunha-se o PNSTA.

Tal situação favoreceu o deflagrar da violência. Os

constantemente conflitos de rua, entre nazistas e comunistas, que se sucederam a partir de 1920, impediram que a República de Weimar pudesse consolidar-se, aproveitando o desenvolvimento econômico que começara a despontar, com as medidas saneadoras desencadeadas, com sucesso, por Schacht, novo ministro das finanças.

Aqueles que não aceitavam o regime comunista, mas que, também, não estavam satisfeitos com o modelo liberal-capitalista, incapaz de manter a ordem, procuravam, então, uma saída, um terceiro modelo. Essa saída foi o nazismo.

É importante ressaltar que a autocracia, o nacionalismo e o anti-semitismo, princípios essenciais do nazismo, de certa forma, estavam latentes na sociedade alemã: a maioria das sociedades estudantis, por exemplo, tinha excluído os judeus, antes mesmo de 1914 (7:127); o nacionalismo há muito estava presente no pangermanismo; e, quanto à autocracia, até mesmo Max Weber, o inspirador da Constituição de Weimar, admitira que "teria preferido uma democracia plebiscitária, sob a orientação de um homem-forte, do que uma parlamentarista que poderia ser fraca ou corrupta ou até mesmo ambas". (7:128)

Assim pensava, também, grande parcela da população. Um "homem-forte" seria necessário para redimir a Alemanha.

Hitler, com suas idéias de superioridade racial, de espaço vital e de caráter único da grande nação alemã, emolduradas por uma vontade férrea para impô-las, representou esse papel e, com relativa facilidade, assumiu o poder, pois tanto a direita como a esquerda subestimaram sua determina-

ção. O caminho estava, assim, aberto para a implementação da sua concepção de Estado.

A Concepção Nazista de Estado

A lei e a vontade do "Führer" são a mesma coisa, disse Göring (7:289). No Estado nazista, portanto, não havia constituição; Hitler encarnava o Estado. A bem da verdade, como os nazistas não se deram ao trabalho de revogá-la, a Constituição de Weimar permaneceu, enquanto o regime nazista existiu, qual cadáver insepulto, símbolo trágico das fraquezas e dos paradoxos humanos.

O Estado nazista era uma autocracia de partido único, conduzida pela mística e pela vontade do líder condutor ("Führer"). "Não deve haver maiorias tomando decisões, mas sim um corpo de pessoas responsáveis. Cada um poderá ter conselheiros a seu lado, mas a decisão caberá, sempre, a uma pessoa". (8:279)

De acordo com essa concepção, Hitler imaginava que a melhor forma de governo e de constituição seria aquela que, com a mais natural firmeza, elevasse aos postos de comando de maior influência as melhores cabeças da coletividade.

Entretanto, o que se observou, na prática, foi uma seleção negativa na formação do grupo de assessores de Hitler. "Preferindo sempre as pessoas que mais concordassem com seus desejos, no decurso dos anos, ele ficou rodeado de indivíduos que aceitavam suas decisões, executando-as sem refletirem nas conseqüências". (9:190).

Segundo Hitler, o Estado não era um fim em si mesmo,

mas simples instrumento da unidade racial baseada na comunidade de sangue: "povos em cujas veias corre o mesmo sangue devem pertencer ao mesmo estado". (8:15) No seu interior, o Estado devia conservar e melhorar a raça, purificando-a; no exterior, conquistar o espaço necessário à vida e à dominação natural dessa raça.

No campo externo, a conquista do espaço necessário à reunião de todos os alemães na Grande Alemanha trazia implícita a necessidade de fazer a guerra. "Talvez o conceito pacifista humanitário chegue a ser de fato aceitável, quando o homem que for superior a todos tiver, previamente, conquistado e subjugado o mundo, ao ponto de tornar-se o senhor exclusivo desta terra". (8:187).

No campo interno, para desempenhar sua missão, o Estado contava com dois instrumentos: a propaganda e a educação.

A propaganda, além da conquista de adeptos, visava, também, à destruição dos antagonismos, pois o nazismo deveria, em princípio, ser defendido intelectualmente, mas, quando necessário, sua defesa tinha de ser garantida por meios violentos. "A propaganda de um povo que luta por sua existência não deve se perturbar com considerações de humanidade nem de boa-fé intelectual". (8:336) Desse modo, a propaganda tinha que se dirigir às massas, e, portanto, devia ser popular para alcançar, também, os mais ignorantes entre os que compunham seu público-alvo.

A educação começava por corpos perfeitamente sadios; depois, vinham a formação do caráter e o desenvolvimento da força de vontade, da capacidade de decisão e do gosto pela

responsabilidade e risco, para, finalmente, dedicar-se à aquisição do conhecimento puro, isto é, a cultura das faculdades intelectuais. Acima de tudo, a educação deveria inculcar nos jovens a idéia máxima da raça.

Para Hitler, a consagração da educação estaria na entrega ao jovem de boa saúde e de boa educação, quando tivesse cumprido o serviço militar obrigatório, de um diploma de cidadão do Reich, documento mais importante na vida de um alemão e de um certificado de boa saúde que lhe possibilitava casar. Isso porque o estado nazista dividia seus habitantes em três classes: cidadãos, súditos e estrangeiros. Não se nascia cidadão do Reich, mas simples descendente. Chegava-se a cidadão por merecimento. As jovens alemães eram súditas e só se tornariam cidadãs depois de casadas. Entretanto, à mulher solteira que vivesse de seu trabalho honesto poderia ser concedido o título de cidadã.

"A finalidade principal de um Estado nacionalista é a conservação dos primitivos elementos raciais que, em seu poder de disseminar cultura, criam a beleza e a dignidade de uma humanidade mais elevada". (8:247)

Assim, Hitler, fiel à convicção da correção de sua doutrina, não admitia obstáculos que pudessem limitar sua plena implantação: "para o alcance de seu fim, nenhuma vítima deverá ser grande demais". (8:335). Desse modo, quando, para solucionar o problema racial judaico, foi aventada a solução de seu extermínio em massa, não houve por parte dos dirigentes nazistas, questões morais ou de consciência que abominassem a implantação dessa medida.

CONCLUSÃO

Nacionalismo, autocracia e racismo são os princípios básicos da concepção nazista de Estado. Princípios esses que, na época, não germinavam só na Alemanha.

Entretanto, Hitler, com sua fixação ideológica e, principalmente, com seu sentimento messiânico de salvador da raça germânica, levou a implantação dessa concepção a extremos inconcebíveis de barbárie, o que torna esse fenômeno singular na História.

Se o regime nazista ocorreu, foi porque algumas circunstâncias se fizeram presentes: uma conjuntura política, econômica e social erodida; um povo desalentado e sem esperança; e a presença de um homem dotado de férrea determinação, capaz de qualquer ato, por mais insano que fosse, para realizar seu ideal. Os doze anos de existência do Estado nazista, contudo, marcaram a História de modo dramaticamente indelével.

Não seria sábio vivê-los outra vez. Por conseguinte, é necessário evitar que circunstâncias semelhantes se façam novamente presentes, pois o ventre da História continua fecundo...

ANEXO A

BIBLIOGRAFIA

1. BRACHER, Karl Dietrich. Controversias de Historia Contemporânea sobre facismo totalitarismo y democracia. Barcelona, Editorial Alfa, 1983. 165p.
2. BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-215A. Guia para elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro. 1981.
3. ———. FI-219. Guia para elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.
4. ———. FI. Manual básico de redação. Guia para elaboração de ensaios. Rio de Janeiro, 1981.
5. CHÂTELET, François & PISIER-KOUCHNER, Évelyne. As concepções políticas do século XX. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983. 766p.
6. CHEVALIER, Jean-Jacques. As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. Rio de Janeiro, Agir, 1990. 440p.
7. JONHSON, Paul. A history of modern world. Avon, The Bath Press, 1983. 817p.
8. HITLER, Adolf. Minha Luta. São Paulo, Editora Moraes, 1983. 426p.
9. SPEER, Albert. Por dentro do III Reich. Rio de Janeiro, 1971. v.1. 236p.

**ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO
NA ÚLTIMA DATA CARIMBADA**

03 NOV 1993

30 JUN 1994

23 MAI 1995

02 MAR 2002

MINISTÉRIO DA MARINHA

Monteiro, Alvaro Augusto Dias

Nazismo. Como e porque

6-D-58

DEVOLVER NOME LEIT. (3464/93)

03 NOV 1993

20 JUN 1994

CF N. LSON

CF(im) MURTES

Monteiro, Alvaro Augusto Dias

Nazismo. Como e porque

6-D-58

(3464/93)



00100250003464

Nazismo. Como e porque?

6-D-58

Monteiro, Alvaro Augusto Dias

Nazismo. Como e porque

6-D-58

DEVOLVER NOME LEIT. (3464/93)

03 NOV 1993

CF NILSON

30 JUN 1994

CF(Im) MURRES

23 MAI 1995

CC GUARINDO

02 MAR 2002

cc (t) MACHADO

03/11/09

NEVES CMC(RH) MURRES